



Jadapax

ASSISTÊNCIA FAMILIAR DA FUNERÁRIA SÃO JOSÉ

Programa de Apoio à Família Enlutada

Um Caminho de Esperança

Fonte: Isa Fonnegra de Jaramillo

Um Caminho de Esperança

Fonte: Isa Fonnegra de Jaramillo



Ninguém está preparado para a morte de alguém amado, mesmo que seja precedida de uma longa enfermidade. Menos ainda quando se trata de uma morte repentina como é o caso de um acidente, uma morte violenta ou um suicídio, que nos surpreende sem prévio aviso. Sempre fica um vazio impreenchível que dói durante muito tempo.

Reaprender a viver em um mundo diferente sem ele (ela) é uma longa e extenuante tarefa, mas há que se fazê-la.

Neste livro se quer ajudar neste momento tão duro, mostrando um caminho. Esse caminho deverá ser percorrido para a pessoa enlutada voltar a sentir-se bem; é como uma espécie de túnel que deve atravessar para sair em paz e reconfortado do outro lado.

É um caminho pedregoso

Sim. Trata-se de percorrer um caminho longo, pedregoso, solitário que se iniciou ontem ou há poucos dias com a estremecedora notícia de morte. Uma notícia que nos assusta e nos deixa paralisados, aturdidos, sem saber a quem recorrer, nem o que fazer, nem sequer o que é certo ou errado.

É provável que pessoas queridas tenham se aproximado neste momento para dar apoio, reinteirarem seus afetos por você e manifestarem solidariedade na dor. Quem sabe até enchendo você de uma força admirável - mas no fundo é só uma armadura de quem ainda não pôde assimilar o acontecimento - que lhe permite coordenar e organizar a sua família, fazer contato com a funerária e chamar os ausentes.

Este percurso se inicia nestes primeiros momentos, cruza o bosque dos sentimentos e emoções desordenados e intensos, atravessa a densa neblina da dor, da tristeza, da

solidão e do medo, para, com muito esforço, desembocar em terrenos mais plácidos, férteis e promissores, de bem-estar, aceitação e paz.

O caminho pode ser percorrido devagar ou rapidamente, em um ou outro meio de transporte, com os olhos abertos ou fechados, a golpes ou com cuidado, protegido ou desprotegido, com mapa e lanterna ou às cegas. Você será o único a eleger a sua forma.



Este livro equivale ao mapa que orienta neste desconhecido território do luto. Conhecer algo do terreno, de seus perigos e de seus acertos o ajudará a andar mais seguro, a reconhecer a sinalização e a chegar ao destino buscado: a reconstrução final de seu mundo sacudido seriamente pela perda.

Os funerais

Os funerais ou os enterros, como também chamamos, são muito importantes no processo de luto, pois constituem um rito de passagem, uma cerimônia que não é mais nem menos que um comovido adeus a quem se ama, um ritual de despedida.

A congregação da família na funerária, o compartilhar com os outros a informação sobre a morte, a roupa sóbria, a atitude sofrida e respeitosa, os abraços e outras manifestações de carinho, tudo tem um sentido. Cumprem o propósito de separar o morto dos vivos, de constatar que é certo que morreu e que foi acompanhado até o final, seja este um enterro ou uma cremação.

Está comprovado que assistir aos funerais é triste, mas é emocionalmente saudável por tratar-se de algo como um evento oficial, que confirma a morte da pessoa querida e o início do processo de luto. Aquelas pessoas que por um motivo ou outro não podem assistir ao enterro, tendem a ter mais dificuldades para assimilar a ideia da morte como partida final e irreversível.

As crianças e os idosos não devem ficar de fora destas experiências de afetos em torno da dor. Com uma prévia explicação clara, sem abundância de detalhes, por parte de um dos pais, preferencialmente, a criança tem capacidade de

assistir ao enterro de seu ser querido e de encontrar um significado na cerimônia. Pode-se oferecer-lhes a oportunidade de pôr cartas, desenhos ou flores sobre o ataúde.



Muita companhia, muita confusão

Durante os dias do funeral e nas semanas seguintes, geralmente, existem muitas visitas e companhia para os enlutados, mas também muita confusão. Por vezes, recordamos esses momentos como espectadores de um filme em que as cenas mostram filas de abraços sem discriminação dos protagonistas.

De acordo com a cultura local, prevalecem os sons dos ritos e orações, as visitas de pêsames, o vestido escuro, o

deslocamento dos familiares que vêm acompanhar as missas e orações, etc.

De todas as formas, são recordações úteis que marcam uma época muito especial na vida do enlutado. O ideal seria poder permitir-se uns dias diferentes, sem trabalhar, sem ter a pressão de cumprir obrigações, para cuidar de si e deixar fluir, pouco a pouco, sua sensação de luto.



Tomar decisões importantes não é aconselhável em épocas de luto. Mudar-se de cidade, sair de casa, adotar um filho, romper ou estabelecer relação amorosa, fazer longas viagens, tudo isso pode mascarar uma necessidade de negar, de ignorar a perda e sua dor e fazer “como se nada” tivesse acontecido. Mas, finalmente, não é possível negar sempre a perda e esta termina banhando mais adiante nossa vida de tristeza, que se revela em depressão, de raiva que se converte

em agressividade, de angústias que levam ao pânico, de sentimentos reprimidos que se convertem em enfermidades físicas e psicológicas.

De volta à casa

Passadas as primeiras semanas poderíamos dizer que voltamos à casa, isto é, que a vida tende a voltar à normalidade. Para todos... menos para você.

Quando passam um pouco os rituais e as visitas, nossa alma tem um espaço - enfim - propício para sentir. E sentimos pouco a pouco, de forma mais palpável, a mudança em nossa vida. Todos os esposos voltam ao trabalho normalmente, menos o daquela que se foi. As crianças regressam ao colégio e quando o ônibus escolar pára, todos os alunos embarcam, menos o que se foi. Outros incluem em suas rotinas visitas frequentes aos pais idosos, que agora cuidam devido às doenças da idade, menos aquele cujo pais já morreram. E nos sobra tempo que não queremos sentir livre, porque antes estava comprometido com o outro que agora está ausente.

A cama conjugal nos parece enorme e fria, a casa vazia sem a algazarra e a brincadeira do filho, as tardes longas, a comida sem gosto, as noites sofridas, o telefone inútil, pois não recebemos mais a ligação que costumávamos esperar. Nossa casa então, não é a mesma, a ausência se faz presente

em todos os cantos e a solidão e o vazio são enormes. A alma dói e ainda não se resigna a conviver com o vazio e a ausência.

Três etapas ou momentos

Se olharmos essa vivência de luto, ou seja, a reação pessoal de cada um diante da perda, veremos que em geral há três diferentes momentos ou etapas ao longo do caminho. Uma inicial é o choque, como uma ANESTESIA EMOCIONAL até nos reorganizarmos, mas sem maior ressonância nos sentimentos. Como se a cabeça e o coração estivessem separados e agimos somente pela razão. Até podemos “explicar” e “explicarmos” o que se passou, mas racionalmente.

Após os primeiros dias ou semanas vem uma fase AGUDA quando se irrompe a dor em toda a sua intensidade, a imperiosa necessidade de vê-lo (la), de abraça-lo (la) uma última vez por um pequeno momento, de saber como e onde está. Ansiedade, medo, raiva, misturados com uma dor pulsante que podem levar ao desespero, invadem este momento agudo, de desorganização interna, de desconcerto ante as próprias reações, que nos fazem, às vezes, temer ficarmos loucos.

Mas após esse longo trecho, segue a REACOMODAÇÃO à nova situação. Aparece timidamente a capacidade de voltar

a desfrutar, de sorrir, de - apesar da pena - seguir vivendo comprometido com a vida. É uma etapa menos perturbadora que a anterior, mais tranquila e mais frutífera, que no princípio tememos que nunca chegue.

Perda, vazio e dor

Sem dúvidas, o período mais difícil do luto é aquele em que aparece a demolidora sensação de perda, de havermos sido despojados de uma pessoa que fazia parte de nossas vidas. Sua ausência deixa um vazio, um “buraco” - geralmente dizem os enlutados - impreenchível, que dói tanto que podemos até localizá-lo corporalmente.

Só nos adiantaria que alguém nos acordasse e dissesse: “ Levanta-te. Era somente um pesadelo.” De resto, tudo nos é insuficiente, insatisfatório, monótono porque não cumpre nosso desejo: voltar a tê-lo (la).

Como o (a) buscamos sem nos darmos conta, nas muitas atitudes, nas ruas, nas lojas, em sua poltrona, na cozinha... e ele (a) não aparece, sentimos frustração e raiva. De quem? De todos. Dos médicos ou hospitais que não atenderam bem, dele (a) mesmo por ter nos abandonado mesmo que saibamos racionalmente que não se foi por querer, raiva da vida, dos que vem nos consolar, e logo se vão como heróis, com suas famílias completas.

Raiva de Deus porque não conseguimos entendê-lo. Uma raiva triste que nem desaparece, nem nos deixa prosseguir.

Existem momentos de picos de dor a certas horas do dia que são “irresistíveis” e logo... nesse tobogã de estranhas emoções, nos vemos calmos, tranquilos, capazes de seguir adiante para um instante depois, sentir... outra vez a dor e o abatimento. “ninguém entende” este caminho que se sente incoerente e errado, muitas vezes.

E Deus... o que fez?

Um luto maior, geralmente perturba nossas crenças, nossa fé, nossa confiança.

Quaisquer que sejam essas crenças, Deus, o bem, a justiça, o amor, elas falharam em evitar essa injusta tragédia. O espírito se confunde e se recente do perigo e (temporariamente) desmorona sem que ninguém possa sustentar. Por quê? Pra quê? Que sentido tem uma vida onde, apesar de sermos bons, nos passam coisas horríveis? Que significado se pode encontrar no minuto do acidente, do tiro, do infarto que mudou nossas vidas definitivamente? Por que, se Deus sabia o quanto ele (a) era importante em minha vida, o arrebatou tão prematuramente?

Deus, o que fizestes? Onde estava que não senti a sua

presença protetora? Todas essas reflexões nos atormentam com frequência quando estamos enlutados. Nos oprimem e nos deixam exaustos porque simplesmente não existe uma explicação satisfatória de por que ocorreu o que ocorreu.

Muitas vezes, diante de sofrimentos extremos, a relação com Deus oscila mesmo que possa se fortalecer e se converter em um suporte confiável neste momento. Estamos com raiva Dele e vivemos seu descuido como uma traição à nossa confiança na sua bondade. Às vezes optamos por nos afastar da igreja, por não orar... é normal. É natural e compreensível esta resposta humana quando se vive uma tragédia.

Mas, com o tempo, geralmente reencontramos a paz e o abraço reconfortante de sua companhia em meio às lágrimas.



Se eu tivesse...

Quem sabe fiz algo errado? Será um castigo? Eu mereço? Se eu tivesse intercedido? Se não houvesse aceitado ou concordado? Se tivesse sido mais amoroso (a), menos orgulhoso (a) e arrogante? Se tivesse dito mais vezes o quanto eu o (a) amava e quão necessária era a sua presença em minha vida?...

Na incessante busca de uma explicação coerente para o acontecido nos auto-reprovamos pelo que fizemos ou deixamos de fazer.

Isto é também natural, mas é indicado compartilhar o sentimento de culpa com alguém que possa mostrar nossas ações por um outro ângulo, por outra perspectiva e é importante conseguirmos nos perdoar e compreender que toda relação humana é imperfeita, que todos erramos e se olharmos bem, seguramente confirmaremos que em cada momento de nossas vidas fizemos o melhor que pudemos, com a melhor intenção e com os recursos que tínhamos ao nosso alcance.

Como a culpa nos esmaga!

Recordar sim. Porém, tanto do bom quanto do ruim

Algumas pessoas de boa fé nos aconselham a esquecer, não pensar mais nessa perda, não recordar os detalhes, virar essa página dolorosa e seguir a diante. Mas, no fundo da alma, sentimos que lembrar, ansiar, chorar, sentir, nos faz bem depois. Que o bem-estar por escapar das lembranças é superficial e passageiro.

Recordar requer tempo e privacidade. Recordar o belo, o bom, o amável da relação. É como voltar a tê-lo (la). Falar dele (a) com os outros também nos faz sentir bem. Esquecê-lo (a) a força, ao contrário, nos enche de culpa e mal-estar.

Tenha sido uma perda violenta e súbita ou uma morte esperada, os sentimentos, as emoções e as recordações se amontoam em nosso interior. Quanto mais tentamos deixá-los de lado, com mais força parecem voltar.

Recordar com dor, raiva, com tristeza e ansiedade, com solidão, com sentimentos agriados que invadem a consciência. Recordar o bom, os tesouros, mas também o mal, o injusto, o duro, tudo o que nos fez sofrer..., tudo o que não gostávamos nele (a). Recordar faz bem, muito bem. Escute a música favorita, olhe fotos, leia cartas ou simplesmente ponha-se a lembrar como um saudável exercício mental de contatar essa pessoa a um nível

diferente, de presença interna e não externa.

Tarefas necessárias para avançar

Para o processo de luto evoluir de forma saudável necessita, de um lado, que o enlutado se permita vivê-lo e se conceda um tempo e um espaço fora da agitação diária para assimilá-lo. Porém, por outro lado, é importante que o enlutado não fique resignado, esperando passivamente sem tomar a decisão de ajudar-se, de ser ativo em seu processo e não vítima.

Há muitas formas de fazê-lo, começando por decidir-se a “viver um bom luto”, a sentir, a expressar em palavras o que se sente, a recordar e tudo o que até aqui temos falado, para, pouco a pouco, podermos nos acostumar com a ideia de não mais existir no nosso mundo externo.

No entanto, há uma concepção em forma de tarefas que nos leva a refletir, a agir, a assumir nossa responsabilidade conosco. Então, para ajudar a nós mesmos, podemos revisar nosso próprio processo à luz de quatro tarefas que como tal devem ser resolvidas para progredirmos, e cada uma pressupõe a elaboração da anterior. São elas:

- Aceitar
- Sentir

- Reorganizar-se
- Reinsserir-se na vida

Mais em detalhe:

- **Aceitar** equivale a admitir que a perda é real e irreversível; é reconhecer que quem morreu não voltará e sua partida é definitiva. Para cumprir com esta tarefa é importante saber exatamente o que se passou, falar do que aconteceu quantas vezes sentir necessidade com um ouvinte respeitoso e acolhedor, ver a quem morreu e despedir-se verbal ou mentalmente, estar presente na funerária recebendo as manifestações de apoio e suporte, lembrar dos feitos, poder recordar.

- **Sentir** quer dizer, mais especificamente, reagir livremente. Se sentirmos vontade de chorar, de ficarmos sozinhos, de buscar uma boa companhia, de falar ou de permanecer em silêncio, de ver fotos e recordações, ou de guardá-los temporariamente, de organizar e repartir os pertences ou de conservá-los por um tempo, devemos nos permitir atender às nossas necessidades. Em caso de dúvidas sobre o que pode ser saudável, sempre podemos consultar um especialista.

Cada luto é único e pessoal, como foi única e pessoal a relação que tivemos com quem se foi. O processo de luto é afetado pela personalidade particular de quem o vive, pelo

momento em que se dá em sua vida, pelos recursos internos e externos que dispõe e pelo o que significava para si e para seu mundo a pessoa perdida. Em outras palavras, pelo o que representava a sua presença, pelo o que importava, pelos espaços que preenchia e pelos papéis que cumpria.

Para cumprir a tarefa de sentir, permita a sua reação pessoal e não a indicada por outros. Acolha sua tristeza e seu cansaço, crendo que se tratam de estados passageiros.

- **Reorganizar-se** implica modificar nosso mundo devido à ausência. Desde a casa, os cômodos, as camas, o carro, os horários, a alimentação, etc. Como também, realizar mudanças em nosso mundo interno. Reaprender um mundo novo, diferente por causa da falta do outro, que nos obriga a enfrentar a dor de cada ocasião em que constatamos a sua ausência e que nos dá uma parcela de liberdade que não queremos porque seu preço é muito alto. Temos que aprender a lidar com a vida com integridade, realismo e criatividade.

- **Reinserir-se na vida**, a quarta e última tarefa de nosso luto é **administrar a nossa liberdade**. Reconhecer que muito de nossa energia ligada ao amor, ao tempo, aos cuidados, a relação em si, agora está livre e... mesmo que doa sentir essa liberdade, temos que reconhecê-la.

Porém, uma vez feitas as pazes interiores com nossa experiência de perda, uma vez aceitado e processado, podemos dispor de energia emocional vital para nos ligar a outros projetos, a outros amores, a outras pessoas que também necessitam de nós, sem que isso implique esquecer quem se foi.

Um luto bem vivido é uma grande oportunidade de crescer interiormente e de dar frutos, por vezes inesperados, por nós mesmos. Pode gerar boas obras. Fundações, instituições, obras de arte provêm de lutos bem elaborados.

Tempo e paciência

Aquelas pessoas que crêem na verdade incompleta que “o tempo a tudo cura”, tão comum entre todos, geralmente terminam fazendo lutos intermináveis que não se resolvem nunca, e acomodam-se em vidas medíocres, infelizes sem crer que as coisas poderiam ser melhores se modificassem suas atitudes de vítimas e se decidissem avançar.

Temos que dar permissão para o processo de luto pelo tempo que essa tarefa tome; nem mais nem menos. No entanto, note que dizermos “dar tempo” significa conceder uma porção ou várias de nossos dias para sentir e viver o luto ativamente.

Separe uns momentos do dia ou da semana para ficar só, em repouso, para ver fotos, fazer um diário, ler cartas, ouvir músicas especiais, sonhar acordado e pensar nele (a). Seguramente será uma experiência triste e com a companhia de muitas lágrimas. Mas não tenha medo, acolha a tristeza e lembre que as lágrimas são uma boa válvula de escape da dor contida e ainda um tributo de amor a alguém que as inspira, e que em forma de lembranças, segue vivendo em seu mundo interno, em seu coração.

E... paciência, muita paciência. Seja tolerante e benévolo com você mesmo, com suas “inexplicáveis” alterações de humor, de atitudes e de pontos de vista.

O luto é mais longo do que se crê e do que se deseja. Saber sobre ele ajuda a nos compreendermos e a nos “desculparmos” com bondade pelas nossas desorientações, falhas e por toda nossa vulnerabilidade em um mundo aparentemente desenhado para gente forte.

Seja bondoso e paciente com você agora como seria com um amigo em um momento difícil.

Reconstruir

Enfrentar nosso mundo mudado definitivamente pela morte de alguém amado é uma experiência dura. Tudo nos remete a sua ausência, as coisas que deixou e como as deixou, os lugares que frequentava, os diálogos sem respostas, muitos de nossos gostos, costumes e preferências só tinham razão de ser com a presença do outro em nossas vidas.

Não nos basta saber racionalmente que o nosso mundo é novo e diferente. Muitas das definições de identidade que antes eram válidas, já não nos servem mais: “eu era mãe de três (agora sou mãe de dois)”; “eu era casada com (agora sou viúva de)”; “eu era filho de (agora sou órfão de)” e digerir essa transformação nos custa muito.

As perdas alteram nosso rumo de vida, nossas referências e nos ajustamos emocionalmente podendo descobrir outras riquezas e oportunidades na vida, requer reflexão e atitude.

Muitas vezes as pessoas perguntam: “eu voltarei a ser a mesma?” E a resposta é: “a mesma? Jamais.” Agora, é possível que melhor; porque um luto questiona, depura, transforma quando nos permitimos vivê-lo em toda a sua intensidade e com todas as suas implicações.

Permita-me sugerir hoje, a você enlutado, que se comprometa sem afãs desnecessários, com esse projeto, o de “fazer um bom luto” como dizemos os psicólogos, mesmo que para isso você deva atrever-se a desrespeitar padrões culturais vigentes que determinam tempo pré-estabelecido para o processo de luto (“em um mês estará melhor”), a respeitar a você mesmo nesse momento crucial de sua vida, com seu compromisso e sua decisão de sair melhor de seu luto.

Cuidados emocionais intensivos

Durante esta época extenuante e muito estressante, nossas defesas tendem a baixar e é possível que estejamos mais propensos a contrair gripes, infecções e outras enfermidades.

Devemos então, procurar nós mesmos, cuidados intensivos. Como? Começando pelo físico, é fundamental descanso, comer bem e fazer exercícios, caso aprecie. Pode caminhar que ainda tem a vantagem de que permite pensar durante a atividade. Em se tratando do emocional, pode amenizar o desgaste e a fadiga presenteando-se com experiências gratificantes e prazerosas, que podem ter momentos de boa companhia, música, lembranças amorosas, leituras reconfortantes.

E finalmente, necessitamos também de uma nutrição espiritual. Orar, meditar, ter contato com a natureza, estimular a criatividade em qualquer tipo de manifestação de arte, seja pintando, escrevendo, bordando, dançando, etc... Momentos de interiorização, privados e silenciosos são de valor incalculável em períodos de luto.

Um ponto a mais a darmos conta quando nosso processo estiver avançado e não sentirmos mais sobre nossos ombros o seu peso opressor: é que, sem dúvidas, ajudar nos ajuda. Ao compartilhar com os outros as lições aprendidas, nos enriquecemos. Dar pressupõe crer, confiar e é possível que isto termine sendo nossa maior recompensa.



Um ano depois...

O primeiro aniversário de morte nos faz reviver sentimentos, emoções e lembranças que nos assustam por sua intensidade inesperada depois de tanto tempo. Também pode ocorrer o mesmo com algumas datas especiais em que recordações tumultuadas nos invadem de surpresa.

Compreender que é natural e que não devemos nos preocupar, ajuda. Não se trata de uma recaída, mesmo que de certa forma sintamos assim. De qualquer maneira, o luto é um processo recorrente e diante de certos estímulos (um filme, um livro, um relato ou outro luto) podemos revivê-lo depois de anos. Mas isto tende a ser passageiro. Em poucos dias voltamos a adquirir o equilíbrio e a paz já conquistados, graças a termos decidido um dia a transformar a relação com esse ser amado que morreu, a transpor o vínculo para uma posição onde podemos recordar sempre com um sorriso e, quem sabe, com uma lágrima, sem que a lembrança impeça nosso profundo compromisso com a vida, com a felicidade e com o amor.

A autora

Isa Fonnegra de Jaramillo trabalha como Psicóloga Clínica desde 1970. Dedicou sua prática ao atendimento de crianças por mais de 20 anos. Obteve o Prêmio Nacional de Psicologia em 1991. É reconhecida como pioneira na Colômbia e América Latina nos temas de perdas, luto e morte digna. É professora universitária e conferencista internacional nestas temáticas. Entre suas publicações recentes mais destacadas estão "De Cara a la Murte" (1999), um sucesso editorial em muitos países, "Morir Bien - Um Compromisso Personal" (2004) e "El Duelo em los Niños" (2009).

PROGRAMA JADAPAX DE APOIO À FAMÍLIA ENLUTADA Construindo uma nova vida

Diante do que foi apresentado, a Jadapax percebe as dificuldades que familiares e amigos enfrentam diante da perda de um ente querido.

Foi pensando nisso que nós criamos o “Programa de Apoio a Família Enlutada”, que proporciona ao enlutado um espaço de escuta e acolhimento, oferecendo possibilidades de uma vida diferente diante do vazio que a morte traz.

Este trabalho oferece suporte às pessoas que perderam um ente querido, disponibilizando um espaço de reflexão para todos que estão vivendo o momento de perda. Trata-se de Atendimentos Terapêuticos, onde oferecemos a possibilidade de aceitação do luto, ajudando na compreensão da dor, do sofrimento, da saudade e da lembrança.

Este serviço de apoio acontece por meio de atendimentos em grupos ou individuais.

Grupos Mistos: Grupos com um número limitado de participantes onde todos sofreram perdas, independente do tempo, grau de parentesco ou amizade com o falecido.

Grupos Familiares: Pequenos grupos onde todos os participantes sofrem pela perda de um mesmo membro da família.

Individuais: Atendimentos para crianças. Adolescentes, adultos e idosos de acordo com a necessidade.

Palestras: Acontecem mensalmente. Os temas são relacionados à morte, luto e vida, com o objetivo de mostrar possibilidades de diminuição dos efeitos provocados pela perda.

Conte com a Jadapax para caminhar junto com você em busca de uma ressignificação de valores e reconstrução pessoal nesse momento de dor.

RESPONSÁVEL: Nágela Grazielle de Caires Sousa

CRP: 04/35084 | Psicóloga graduada pela Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG

Estes trabalhos estão disponíveis a todos, na matriz em Pará de Minas e filiais. Para informações ou solicitação do serviço, entrar em contato na Rua do Cruzeiro 51 A, em Pará de Minas, ou através dos telefones: (37) 3231 - 6700 | 9158 - 0449





ASSISTÊNCIA FAMILIAR DA FUNERÁRIA SÃO JOSÉ

Matriz | Central de Atendimento

Rua do Cruzeiro, 51 A - Centro - Pará de Minas - MG

Cep: 35660-033 - Telefax: (37) 3231-6700

Contato - jadapax@jadapax.com.br

Recursos Humanos - recursoshumanos@jadapax.com.br

Jadaflores - jadaflores@jadapax.com.br

Filiais

Azurita | (31) 3535-6077 - jadapaxazurita@jadapax.com.br

Carmo do Cajuru | (37) 3244-1059 / (37) 9911-0952 / (37) 9911-0262

jadapaxcarmodocajuru@jadapax.com.br

Conceição do Pará | (37) 3276-1276 - jadapaxconceicaoopara@jadapax.com.br

Florestal | (31) 3536-2191 / (37) 9911-3183 - jadapaxflorestal@jadapax.com.br

Igaratinga | (37) 3246-1300 / (37) 9911-3583 - jadapaxigaratinga@jadapax.com.br

Itaúna | (37) 3242-8770 - jadapaxitauna@jadapax.com.br

Juatuba | (31) 3535-8977 / (37) 9911-3973 / (37) 9911-3983 - jadapaxjuatuba@jadapax.com.br

Leandro Ferreira | (37) 3277-1552 - jadapaxleandroferreira@jadapax.com.br

Maravilhas | (37) 3272-1415 / (37) 9911-5864 - jadapaxmaravilhas@jadapax.com.br

Mateus Leme | (31) 3535-2903 / (37) 9911-3873 / (37) 9915-0158

jadapaxmateusleme@jadapax.com.br

Nova Serrana | (37) 3226-3714 / (37) 9911-2773 / 9911-3783 / 9914-8932

jadapaxnovaserrana@jadapax.com.br

Papagaios | (37) 3274-1663 / (37) 9911-2583 / 9911-3883 - jadapaxpapagaio@jadapax.com.br

Pequi | (37) 3278-1199 / (37) 9911-3683 - jadapaxpequi@jadapax.com.br

Perdigão | (37) 3287-0288 - jadapaxperdigao@jadapax.com.br

Pitangui | (37) 3271-1696 / (37) 9911-2383 / 9911-5179 - jadapaxpitangui@jadapax.com.br

São Gonçalo do Pará | (37) 3234-1548 / 9911-2683 / 9911-3193

jadapaxsaogoncalodopara@jadapax.com.br

Serra Azul | (31) 3537-5128 - jadapaxserraazul@jadapax.com.br

Central de Vendas

(37) 3236 - 5500 - vendas@jadapax.com.br

JADAFLORES

(37) 3231 - 6700 - Plantão 24h

Consulte obituários em nosso site:

www.jadapax.com.br

Programa de APOIO À FAMÍLIA ENLUTADA

Nossa Missão

Oferecer o apoio psicológico necessário às famílias enlutadas no processo de vivência do luto, permitindo que, a partir da dor pela perda de um ente querido, encontrem perspectivas de uma vida nova.

Jadapax

TÊNCIA FAMILIAR DA FUNERÁRIA SÃO JOSÉ

Matriz | Central de Atendimento

Rua do Cruzeiro, 51 A - Centro - Pará de Minas - MG

Cep: 35660 - 033 - Telefone: (37) 3231 - 6700

www.jadapax.com.br